

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
CÂMPUS PROFESSOR FRANCISCO GONÇALVES QUILES
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

LUCRÉCIA INGRID VIANA LUCAS FABEM

UM OLHAR FEMININO ACERCA DOS ENFRENTAMENTOS DA
MULHER NA CARREIRA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE
CACOAL/RO

CACOAL / RO

2015

LUCRÉCIA INGRID VIANA LUCAS FABEM

**UM OLHAR FEMININO ACERCA DOS ENFRENTAMENTOS DA
MULHER NA CARREIRA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE
CACOAL/RO**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a
Fundação Universidade Federal de Rondônia -
UNIR- Câmpus Professor Francisco
Gonçalves Quiles em Cacoal como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Orientadora: Prof^a Ms. Simone Marçal
Quintino.

Cacoal / RO

2015

Fabem, Lucrécia Ingrid Viana Lucas.

F114o Um olhar feminino acerca dos enfrentamentos da mulher na carreira política no município de Cacoal/RO/ Lucrécia Ingrid Viana Lucas Fabem – Cacoal/RO: UNIR, 2015. 40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação).
Universidade Federal de Rondônia – Campus de Cacoal.
Orientadora: Prof. Ma. Simone Marçal Quintino.

1. Administração. 2. Gestão de pessoas. 3. Mulher. 4. Carreira política. I. Quintino, Simone Marçal. II. Universidade Federal de Rondônia – UNIR. III. Título.

CDU – 658.3

Catálogo na publicação: Leonel Gandi dos Santos – CRB11/753

ATA DE DEFESA DO ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – 24 DE JUNHO DE 2015.

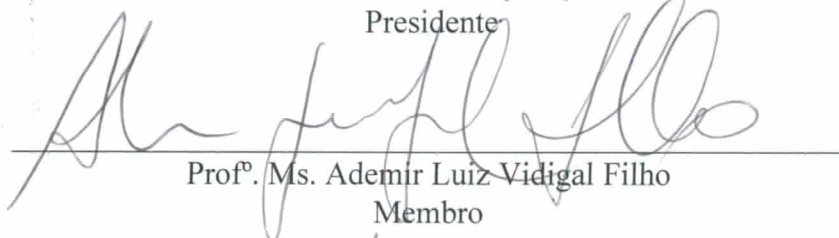
Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de junho de dois mil e quinze, reuniu-se na sala 02 – Bloco B do Curso de Administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, a banca constituída pelos Professores: Prof^ª. Ms. Simone Marçal Quintino (presidente), Prof. Ms. Ademir Luiz Vidigal Filho (membro), e Prof. Ms. Joareis Fernandes de Azevedo (membro), para examinar o (a) candidato (a) **LUCRÉCIA INGRID VIANA LUCAS FABEM** na prova de defesa de seu Artigo de conclusão de curso intitulado: **UM OLHAR FEMININO ACERCA DOS ENFRENTAMENTOS DA MULHER NA CARREIRA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO**. O presidente da Comissão iniciou os trabalhos às 14:53 h, solicitando o candidato que apresentasse resumidamente os principais aspectos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o candidato sobre os diversos aspectos do trabalho. Após a arguição, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do (a), obtendo a nota final 100 (cem). A ata segue assinada pelos membros da banca.

Cacoal / RO, 24 de Junho de 2015.

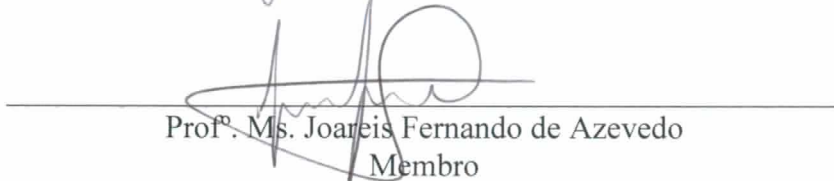
Banca Examinadora:



Prof^ª. Ms. Simone Marçal Quintino
Presidente



Prof^º. Ms. Ademir Luiz Vidigal Filho
Membro



Prof^º. Ms. Joareis Fernando de Azevedo
Membro

Agradeço inicialmente a Deus, por ter me proporcionado oportunidade para concluir esse curso, o qual eu tanto almejei e pela força para superar as dificuldades em cada etapa dessa jornada.

Sou grata pelo meu amado esposo Wescler Fabem Coelho, meu sogro Eclair Coelho e minha sogra Feuzza Fabem, minha mãe Luiza, meu pai Samuel, irmãs Rafaella e Gléssia e cunhadas Glauciane e Luciana por acreditar no meu potencial, não tenho palavras para expressar a satisfação, pela compreensão da minha ausência, pela falta de atenção ao longo desses quatro anos. E por cada dia vocês não me deixarem desistir em meio às dificuldades.

A todos os professores do curso de Administração que foram tão importantes na minha vida acadêmica e em especial a minha orientadora Simone Marçal Quintino que com muita dedicação, apoio, compreensão me conduziu no desenvolvimento deste Artigo de Conclusão de Curso.

A todos os meus amigos do Curso em especial a Ana Beatriz, Andréia, Micalister e Elenice, pois em todos os momentos do curso estiveram ao meu lado me apoiando, tanto nos momentos ruins como na perda do meu sogro, tia, avó e avô como nos momentos de alegria. Também as mulheres políticas participantes dessa pesquisa, que dispuseram do seu tempo para contribuir grandemente a esse estudo.

UM OLHAR FEMININO ACERCA DOS ENFRENTAMENTOS DA MULHER NA CARREIRA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO¹

Lucrécia Ingrid Viana Lucas Fabem²

RESUMO: O objetivo da pesquisa é analisar como as mulheres atuantes e ex-atuantes na política do município de Cacoal/RO, conciliam e/ou conciliaram sua vida particular com todos os enfrentamentos da carreira política. Pesquisa descritiva de caráter exploratório, abordagem qualitativa e método dedutivo. As técnicas de coletas de dados utilizadas foram pesquisas bibliográficas e entrevista semiestruturada. Participaram seis mulheres que atuam ou atuaram na política do município no período de 1988 a 2014, selecionadas intencionalmente. Os resultados mostram que no decorrer de suas trajetórias, já exerceram cargos de vereadoras, prefeitas, vice-prefeitas e deputadas estaduais e os principais desafios foram à falta de recursos financeiros para custear suas eleições, preferência dos partidos em relação ao sexo masculino, fragilidades na política de cotas de inserção da mulher no meio político e dificuldades para conciliar carreira política *versus* vida particular. Nota-se que ainda existe discriminação em relação à figura feminina no meio político tanto em relação aos partidos como em relação aos eleitores, principalmente da classe feminina. Porém, ficou evidente que as mulheres em estudo possuem características diferenciadas que tem oportunizado-as enfrentar os inúmeros problemas no exercício do cargo e ainda conciliar o papel de mulher, esposa e mãe prezando pela qualidade em todas as esferas. Deste modo sugere-se que as mulheres continuem envolvidas no meio político e que incentivem outras a ingressarem na carreira política. E ainda, que os partidos políticos além de incentivá-las à candidatura também assegurem o tratamento igualitário entre homens e mulheres em um processo eleitoral.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Carreira Política. Limites e Possibilidades. Inserção política.

INTRODUÇÃO

As mulheres estão conquistando um espaço na política que era antigamente ocupado apenas por homens, mas após todas as lutas dos movimentos feministas a favor dessa inserção, elas estão se apoderando cada vez mais de cargos eletivos, e dessa forma representando a sociedade em todas as esferas e vencendo eleições para cargos respeitadíssimos por todos e assim construindo uma carreira política de muito prestígio. Deste modo, a presente pesquisa é delimitada na área de Gestão de Pessoas com foco sobre os

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR – *Campus* Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Administração sob orientação da Prof^a Ms. Simone Marçal Quintino.

² Acadêmica do 8º período do Curso de Administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: lucrecia_ingrid@hotmail.com.

enfrentamentos feminino perante a carreira política, abordando a percepção das mulheres que foram eleitas a partir das eleições municipais, estaduais e/ou federal do ano de 1988 a 2014 na cidade de Cacoal/RO. As mulheres que exercem esses cargos precisam saber lidar com situações que muitas vezes não são fáceis, no qual necessitam agir com muita sabedoria e desenvoltura para superá-los, pois devem conciliar a vida política de forma que não possa prejudicar suas vidas particulares, sendo um quesito principal, que a vida pública concilie com a vida privada.

Como explica Gonçalves (2007) às mulheres enfrentam diversos fatores que as influenciam de forma negativa para que sigam uma carreira política, como exemplos a sua socialização política que não as auxiliam na candidatura em cargos políticos; a falta de repartição dos serviços domésticos com seus parceiros; a inexistência de políticas públicas que correspondam às precisões das mulheres; a ordenada escalação da esfera pública que põem dessa forma as mulheres no âmbito do privado e assim não permitindo a sua participação na esfera política e em específico nos setores que as possibilitem que tomem decisões, não confiando desse modo nas suas capacidades decisórias. Conforme o exposto, a pesquisa buscou responder: *Como as mulheres atuantes e ex-atuantes na política do município de Cacoal/RO, conciliam sua carreira com os enfrentamentos da vida nos diversos aspectos e demais situações que vivenciam no dia a dia?*

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como as mulheres atuantes e ex-atuantes na política do município de Cacoal/RO, conciliam e/ou conciliaram sua vida particular com todos os enfrentamentos da carreira política, e objetivos específicos: verificar o perfil das mulheres em estudo; estudar a trajetória da mulher na política e seus principais desafios; apreender a percepção das mulheres quanto aos limites e/ou potencialidades de sua inserção na carreira política e verificar como as mulheres em estudo conciliam e/ou conciliaram a carreira política com a vida particular.

O estudo justifica-se, pela significativa influência que a política tem sobre a sociedade, como explica Nosella (2005), a política visa à ordem e bem estar geral da comunidade, no qual esta pesquisa tem como base a atuação feminina na carreira política. Além disso, o estudo tem como intuito trazer discernimento para toda a sociedade em relação a real situação vivida pelas eleitas, a fim de expor a importância das mulheres para o meio político, o qual se busca demonstrar por meio de dados, relatos, documentos, opiniões, e depoimentos das mulheres que estão ou que já foram diretamente ligadas em todo o processo

político, mostrar de maneira formal despertando o interesse da sociedade por esse tema.

Nesse sentido, a análise em questão tem o propósito de instigar as mulheres que almejam participar ativamente da sociedade, a conhecerem as várias faces que envolvem o mundo político. Isso se dará através do resultado dessa pesquisa, possibilitando criar oportunidades de conhecimentos das reais situações que ocorrem em todos os processos da carreira política, abrangendo diretamente as mulheres que estão inseridas na política, as quais poderão expor uma eventual realidade camuflada por elas próprias, evitando que a sua imagem pública não seja denegrida em virtude de alguns acontecimentos pessoais.

O presente artigo está estruturado em três capítulos sendo o primeiro a Fundamentação Teórica, seguido da Metodologia e o terceiro os Resultados e Análises dos Dados apresentando a pesquisa de campo com a finalidade de responder os objetivos sugeridos e proporcionar discernimento sobre todas as situações que as mulheres em estudo enfrentaram.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica apresenta os conceitos utilizados de forma mais detalhada, para uma melhor compreensão do conteúdo pelo leitor. Os assuntos abordados neste capítulo são: História da mulher na política, Mulheres na política do município de Cacoal-RO, Desafios da mulher na política e Carreira política *versus* vida familiar.

1.1 HISTÓRIA DA MULHER NA POLÍTICA

As eleições passaram a ser diretas, segundo Nicolau (2004), no ano de 1881 e somente quem poderia participar eram os homens que tivessem 25 anos de idade, porém aos 21 anos também poderiam participar, desde que fossem casados ou oficiais militares e, se membro do clero ou bacharelado independente da idade conseguiria participar das eleições. As mulheres e escravos não tinham o direito de votar mesmo que a constituição não os proibissem, e também existia uma reivindicação, que somente participariam do voto quem possuísem renda anual de 100 mil réis e se pagassem 200 mil se tornariam votantes.

Como relata Pinheiro (2006), à busca pelo direito do voto teve início antes mesmo do

século XIX com um movimento chamado movimento das *Sufragettes* ou Sufragistas que tem como objetivo a batalha de extensão pelos direitos políticos femininos e na procura da cidadania, podendo ser considerado nessa fase a principal onda do movimento Feminista.

A luta das mulheres pela participação na política iniciou-se no século XX, como explica Reis (2010), favorecendo através de manifestações feministas a criação do Partido Republicano Feminino no ano 1910, que se tornou em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino - FBP, possuindo filiais nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, esses grupos buscavam através de solicitações garantias dos direitos civis e político das mulheres.

Esse movimento foi liderado segundo Pinheiro (2006) pela professora Leolinda Daltro, e foi ela quem fundou o FBPF, tendo como foco movimentar as mulheres na demanda pelo direito do voto. A fundação do partido foi inesquecível sendo formado em um partido político composto por pessoas que não possuíam direitos políticos da qual a probabilidade de procedimento teria que ocorrer desse modo longe da norma determinada, e que Leolinda no ano 1917 comandou um protesto pelas ruas no centro do Rio de Janeiro reivindicando a dimensão do voto às mulheres, o que teve um imenso impacto na elite política.

Quanto ao voto feminino, Reis (2010) relata que no Rio Grande do Norte no ano de 1927 as mulheres conseguiram o direito de votar e de serem votadas, conforme uma lei Estadual e por meio do Presidente Estadual do Partido Republicano, Juvenal Lamartine, atendendo as vontades das mulheres equiparou-se o acesso ao poder. Assim com essa conquista, Alzira Soriano foi eleita em 1929, prefeita de Lages no Rio Grande do Norte.

A participação das mulheres na política ocorreu tardiamente no Brasil, como explica Pinheiro (2006) ocorrendo formalmente somente em 1932 com a promulgação do novo Código Eleitoral Brasileiro. Para elas se manifestarem politicamente foi por meio de movimentos sociais pela busca de garantias de seus direitos políticos. Esse processo ocorreu conforme Coelho e Baptista (2009) por influência do FBPF, que também reivindicava os direitos das mulheres votarem e de serem votadas, de modo igual às condições dos homens, sendo que foi por meio do Presidente Getúlio Vargas, que em 24 de fevereiro de 1932, autorizou às mulheres brasileiras o direito de votar e de serem votadas em situação idêntica as condições masculinas, e sendo excluídos desse processo somente os analfabetos e os menores

de dezoito anos.

Em decorrência dessa conquista obtida pelas mulheres, segundo Reis (2010) no ano 1934 a Dr^a Carlota Pereira Queiroz sendo médica e representava o Partido Republicano, foi à primeira Deputada Federal eleita em São Paulo da história brasileira, e mais quatro candidatas também disputaram o cargo, essa eleição foi deferida no método inflexível podendo votar somente as mulheres que fossem remuneradas em cargos públicos.

Como destaca Marques e Melo (2008) em julho do ano de 1936, Bertha Lutz que era suplente de Carlota assumiu o mandato na Câmara Federal, trabalhando pela fundação de uma delegação para regularizar os artigos do estatuto que falavam sobre as mulheres, e ela também garantiu para o ano seguinte uma assinatura no orçamento Federal para que fosse duradoura a comissão parlamentar, tudo isso foi feito com um intuito de oferecer correção ao cálculo votado no término do ano de 1936.

Nos anos seguintes, Pinheiro (2006) relata que não ocorreram muitas mudanças favoráveis no Congresso Nacional para as mulheres, mas em exceção o ano de 1979 uma mulher chamada Eunice Michiles foi eleita à primeira Senadora Federal da história, sendo um cargo que somente era administrado por homens, e Eunice também se dedicou a temas referentes aos direitos das mulheres. Com isso a passar de três anos outra mulher novamente assume o Senado Laélia de Alcântara, e depois só em 1990 que o Cargo foi apoderado por mulheres, sendo elas Marluce Pinto e Junia Marise que assim conquistaram a cadeira no Senado como titulares.

Apesar dos progressos das mulheres no meio político, no Congresso Nacional sua participação é muito pequena o que se torna mais inexpressivo quando observando que a população Brasileira dispõe de um número de mulheres superior ao dos homens, o que possibilitaria que nas representações fossem de proporções iguais, e o que se pode dessa forma observar que essa questão da mulher na política ainda é um campo em construção, ou seja, que ainda se tem muitas barreiras a serem vencidas pela frente, para que o comparecimento das mulheres seja mais expressivo nos cargos de representação (PINHEIRO, 2006).

Grossi e Miguel (2001) evidenciam que devido a um período longo e difícil para as

mulheres adquirirem o direito de votar, ao se inserirem na carreira política, já tinha ciência que teriam que enfrentar um caminho com inúmeras dificuldades, no qual seria exigida muita desenvoltura para vencê-los, e precisando dessa forma saber lidar com situações difíceis desde a candidatura até quando já estiverem compondo seus mandatos. Sendo diversas formas de enfrentamento que as norteiam e que elas precisam saber conciliar com a sua carreira política, como sua vida familiar, social, as políticas de cotas que é um assunto vivenciado por elas e demais situações que precisam se sobressair.

No Brasil as cotas eleitorais para inclusão das mulheres na política de acordo com Miguel e Queiroz (2006) foram inseridas no ano de 1995, pela Lei nº 9.100 ocorrendo uma regulamentação das eleições do ano seguinte para prefeituras e câmaras municipais. E no ano de 1997 sendo regulamentadas as eleições estaduais e federais pela Lei nº 9.504 e essa mesma lei teve muita relevância para as mulheres, pois aumentou as vagas das listas partidárias de 20% para 30% sendo possível dessa forma que elas fizessem parte com significativa porcentagem das eleições municipais, estaduais e federais.

1.2 MULHERES NA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO

Quiles (1986) destaca que para as primeiras eleições que aconteceram em 15 de novembro de 1982, ocorressem na mais perfeita ordem em todo seu processo eleitoral, foi o Dr. Renato Martins Mimesse que era Juiz de direito na época, promotor público e Juiz eleitoral que ficou responsável por toda a organização, tendo o apoio de uma grande equipe auxiliar que trabalharam incansavelmente para que tudo acontecesse de forma satisfatória.

Nas primeiras eleições que aconteceram no Município de Cacoal/RO, por meio de votação, a população Cacoalense elegeu o seu primeiro prefeito, vice-prefeito e os quinze vereadores que compuseram a primeira Câmara Municipal. Disputaram essas eleições três partidos sendo eles: o Partido Democrático Social (PDS), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Cada um desses partidos poderia lançar uma chapa que tivessem três nomes de pretendentes a prefeito e vice-prefeito. Portanto, o partido que recebeu maior número de votos foi o vencedor nas eleições (KEMPER, 2006).

O primeiro prefeito do município de Cacoal foi Josino Brito, sendo este pioneiro e que já estava integrado à realidade regional, e como deste modo tinha o conhecimento dos

problemas da sociedade foi mais fácil para desempenhar suas funções, e melhorar a administração do município, e contou com o apoio do vice-prefeito Carlito Duarte e com a Câmara de vereadores que também foi eleita no mesmo ano (QUILES, 1986).

A segunda eleição municipal somente aconteceu como explica Kemper (2006) no ano de 1988 na qual a população de Cacoal pode vivenciar com grandes expectativas. E nessa eleição surgiram diversas novidades de liderança, o que foi propício para que essa escolha fosse a mais acirrada da história. Concorreram nessa eleição quatro candidatos a prefeito e a diferença entre o vencedor e o menos votado foi bem pequena. Este foi o ano em que as mulheres começaram a fazer parte da política do município de Cacoal, sendo eleita a vereadora Maria de Lourdes Kemper.

No ano de 1992 as eleições foram para eleger prefeito e vereadores para o município, e novamente outra mulher Sr^a Elza Aparecida G. Norberto foi eleita para o cargo de vereadora representando o partido PST. O ano de 1994 as eleições foram destinadas a escolha do governador, senador, bancada Federal e estadual, e com 3.157 votos a Sr^a Sueli Aragão, do PMDB foi eleita deputada estadual. E em 1996, a então deputada estadual Sueli Aragão candidatou-se a prefeitura, porém não conseguindo ser vitoriosa, mas a Sr^a Raquel Duarte Carvalho do partido PMDB com 1.589 votos foi eleita vereadora. E no ano de 1998, Sueli Aragão foi reeleita para o cargo de deputada estadual nas eleições (KEMPER, 2006).

A eleição do ano de 2000 foi à conquista da primeira mulher prefeita do município de Cacoal, sendo Sueli Aragão eleita com 16.686 votos, e nesta mesma eleição, contudo duas mulheres foram eleitas vereadoras. Nas eleições do ano de 2004 a prefeita Sueli Aragão lançou-se para a reeleição e sendo a primeira mulher a assumir o executivo e assim foi reeleita com 23.035 votos, no entanto Glaucione Maria Rodrigues Neri e Raquel Duarte Carvalho foram eleitas como vereadoras de Cacoal (KEMPER, 2006).

1.3 DESAFIOS DA MULHER NA CARREIRA POLÍTICA

Como explicam Cypriano, Resende e Assis (2006) o foco do feminismo no Brasil foi para inserção das mulheres na carreira política em todas as esferas, buscando os avanços de sua categoria diante do patriarcado, contradizendo a submissão aos direitos que não protegiam as mulheres, e como assistido a luta dessas mulheres em criminalizar contra os atos violentos,

pela falta de criminalização do aborto, e a adoção de cotas legislativas, mesmo sendo um assunto pouco debatido que ficou deixado em segundo lugar para os movimentos feministas. Assim estando às mulheres em cargos legislativos, solicitaram reuniões para debates a respeito das cotas e sobre a condição da mulher na carreira política, utilizando como táticas de conscientizá-las as que já estavam inseridas em carreiras políticas a real significância das cotas.

Pinto (2006) destaca que a busca das mulheres pela igualdade e os enfrentamentos da distinção de gênero fazem parte da história do Brasil, trajetória essa construída por diferentes tempos, sobre diversificadas formas e por diversas mulheres pelos movimentos feministas, mas as mulheres já ocupam cargos que era tradicionalmente destinado aos homens, a exemplo dos cargos do judiciário, legislativo e também se apoderando de lugares no Executivo, como para governadoras e prefeitas, sendo resultados positivos de todas as lutas desde séculos passados pelas mulheres, vencendo dessa forma as submissões e discriminação e aumentando seus direitos civis e políticos.

Um desafio que a mulher precisará enfrentar na carreira política é o machismo que já teve maior enraizamento, agora a sociedade não se dá por satisfeita que somente as mulheres desejem participar da política ou que apresentem igualmente a mesma atuação que do homem, mas elas precisam ultrapassar as perspectivas da sociedade, nos quesitos confiabilidade, capacidade e esperteza (SOUSA, 2011).

O que possibilita que as mulheres não tenham um bom desempenho na hora de concorrer às eleições ou reeleições é o financiamento que os partidos oferecem para as campanhas, destacam Sacchet e Speck (2006), pois elas não recebem o mesmo quantitativo de recursos financeiros que os homens, e assim não dispendo de recursos suficientes que possam amparar todas as divulgações necessárias em suas campanhas, ficam em desvantagens e somente as que já tiverem uma situação financeira instabilizada poderão participar das eleições com igualdade.

Borda (1998) evidencia o relato de uma Deputada de Santa Catarina com mandato de deputada estadual no ano 1987 a 1990 e de deputada federal em 1991 a 1994, que durante seus mandatos no início, os principais desafios enfrentados é que não era ouvida na Assembléia Legislativa além dos valores burgueses e preconceitos que vivenciava. Porém,

após o seu mandato ter sido premiado três vezes como destaque parlamentar, encorajou muitas mulheres para se candidatarem a vereadoras nas próximas eleições, mostrando que é possível vencer os obstáculos.

Brunetta (2005) aborda o relato de uma deputada de Santa Catarina destacando uma situação que enfrentou, que quando precisou de recursos financeiros para ajudá-la na campanha política, o partido no qual se consolidou não tinha condições de ajudá-la, nem sequer com santinhos, pois se tratava de um partido iniciante. Então as formas para conseguir recursos foram através de organizações de comícios e por meio de pessoas que se interessavam pelas propostas expostas e que reconheciam as lutas que ela estava enfrentando para ganhar as eleições.

Muitos problemas encontrados pelas candidatas de acordo com Freire (2010) começam desde aspectos culturais a práticas como aquisição de amparos financeiros para as realizações de suas campanhas, a dificuldade para entrar em partidos políticos, que os mesmos não oferecem a qualidade de competição igual para as mulheres, como em espaços na mídia, dinheiro, e entre outros, entendendo-se que o ambiente político ainda é meio desfavorável para as mulheres, que desse modo, cabendo uma organização das mulheres que estão diretamente ligadas à política realizarem reivindicações de melhorias que lhes sejam favoráveis e que reverta essa situação.

Barsted e Pitanguy (2011) destacam que o apoio oferecido às candidaturas das mulheres é diferente dos recebidos pelos homens, pois esse suporte ainda representa um caminho em direção a uma sociedade com representação política mais semelhante. Sendo, portanto um desafio que as mulheres ainda tendem a enfrentar.

No Brasil a política de cotas não apresentou muitas vantagens, sendo um desafio que as mulheres precisam enfrentar, pois ao invés de trazer aumento nas representações dos espaços políticos, ocorreu uma notável diminuição. A lei das cotas trouxe desigualdade entre mulher e homem no âmbito político, sendo direitos diferentes que de fato não é aceito pelas mulheres e contribuindo desse modo para que menos mulheres ingressem na política e também que prossigam, ou seja, permaneçam em uma carreira pública pela qual é favorável apenas aos homens (SOUSA, 2011).

De acordo com Grossi e Miguel (2001) através dos depoimentos apresentados pelas mulheres em cargos políticos, é um desafio a busca para que os direitos nas eleições se tornem de modo igualitário, ou seja, que as políticas de cotas sejam expostas de forma igual, permitindo que as disputas nas eleições possam ser com igualdade e as oportunidades semelhantes. E se desse modo ocorresse à divisão das cotas, o quantitativo de mulheres a se candidatar cresceria muito, pondo um ponto final nas diferenças políticas, que prejudicam as mulheres há tantos anos.

1.4 CARREIRA POLÍTICA *VERSUS* VIDA PARTICULAR

Os estudos de Grossi e Miguel (2001) destacam os depoimentos das mulheres sobre carreira política e vida familiar evidenciando problemas como à falta de apoio dos maridos em suas carreiras políticas. Muitas esperavam que eles oferecessem companheirismo, para aliviar a solidão do poder, porém os maridos não conseguiram aguentar o peso, e elas precisaram suportar além do peso de suas vidas políticas, os filhos, maridos e demais situações. Essa sobrecarga influenciou no término de muitos casamentos, devido à opção das mulheres em seguir na carreira política e a falta de apoio dos seus esposos.

As mulheres que estão em domínio público possuem necessidades privadas, sendo mulheres vivendo no padrão capitalista de duas esferas separadas, logo as responsáveis pelo contentamento dessas precisões. Por isso fazendo ou não parte da vida política e do mercado de trabalho as obrigações domésticas continuam sendo essencialmente delas, uma vida dividida que funciona em forma de obstáculos para essas mulheres seguirem uma carreira política. Mas no decorrer da história as mulheres estão vencendo esses impedimentos sabendo dessa forma harmonizar os deslocamentos de domínios públicos e privados (ÁVILA, 2004).

Maioria das mulheres conforme Dias (2005) entra para vida política, influenciadas pelo pai ou marido, e sendo a minoria que se inserem com trajetória independente, fundamentada em carreiras políticas desligadas de vínculos familiares.

A ausência das mulheres na representação política formal é visualizada pelo fato delas se preocuparem com seus lares, ou seja, com os afazeres domésticos e com a educação de seus filhos, e enxergam de fato as atividades domésticas de forma natural, pois sendo uma decorrência de quando se casam, e um fator bem visível é o da maternidade que vem como

forma de impedimento para que as mulheres sigam uma carreira política (ÁLVARES, 2008).

Frois (2014) ressalta que mesmo as mulheres representando a maior parte do colégio eleitoral brasileiro, o que vem a dificultar sua maior participação na política, é ainda existir a ideia que espaço da mulher consiste o lar e não a política, por isso enfrenta problemas de conciliar em meio à vida doméstica e a política, e falta de incentivo financeiro.

No depoimento de uma vereadora ela relatou que no primeiro casamento não deu certo, pois a correria da vida política a afastava muito de casa, o que influenciou o término do relacionamento. E em seu segundo casamento, como alternativa para solucionar o problema colocou o seu marido como seu assessor para que tivessem oportunidades de passarem mais tempo juntos, minimizando as brigas, pois dessa forma seu esposo saberia em qual hora estaria em casa, quais seriam seus compromissos, assim a vereadora conseguiu harmonizar sua vida familiar com a política (GROSSI; MIGUEL, 2001).

Machado (2013) destaca que a ausência das mulheres na política no Brasil, ocorre por causa da questão familiar ainda ser um assunto pelo qual as mulheres que estão na política mais se preocupam. Essas responsabilidades continuam pertencendo a elas, e assim ocasionando para que o tempo disponível para dedicação a vida política seja bem inferior ao dos homens e desse modo contribuindo de forma negativa para que sua participação na carreira política seja passageira ou inexistente.

As mulheres inseridas na política precisam estar psicologicamente bem preparadas, pois além das pressões em seus lares, as que passam nos seus gabinetes são maiores ainda, por isso seus corpos precisam estar bem preparados para se adaptar há padrões de vida bem diferentes, e no que se refere aos conceitos de beleza infelizmente será um pouco deixado de lado, pois o trabalho é muito repetitivo e estressante (GROSSI; MIGUEL, 2001).

Conforme Felipe (2013) em se tratando dessa conciliação política e vida familiar, é preciso ser as super-mulheres, sendo um treino cotidiano, porque se exige capacidade, compromisso e dedicação absoluta em todas as áreas, precisando ser ótimas mães, esposas e excelentes políticas.

Grossi e Miguel (2001) destacaram ainda o depoimento de uma Deputada a forma

que conciliou a carreira política com a vida familiar. Foi deixando as responsabilidades dos afazeres domésticos, sobre o apoio de uma pessoa do seu ciclo familiar, e assim teria dessa forma a confiança que sua casa e seus filhos estariam em boas mãos, então conseguiria desempenhar suas funções da vida pública sem preocupação. E do mesmo modo sua família que lhe ofereceu esse suporte também teria certeza que a sociedade estaria em boas mãos e seria bem representada.

2 METODOLOGIA

Este artigo caracterizou-se quanto ao tipo de pesquisa, a forma descritiva e exploratória, que para Andrade (2001) na pesquisa descritiva os acontecimentos são observados, armazenados, avaliados, coordenados e interpretados, de modo que o pesquisador não intervenha sobre eles, ou seja, os dados são estudados, mas não sendo manipulados pelo pesquisador. E os estudos exploratórios como explica Marconi e Lakatos (2003) têm por finalidade descrever por completo certo acontecimento, podendo ser localizadas descrições qualitativas ou quantitativas e também quanto ao acúmulo de dados detalhados, como as alcançadas mediante a observação da pessoa participante.

O método de abordagem utilizado para essa pesquisa foi o dedutivo, pois a análise realizada conteve conteúdos, relatos que foram transcritos com informações verdadeiras. Como explica Andrade (2001) o método dedutivo é o acesso dos resultados, pois uma cadeia de entendimento em conexão descendente, ou seja, do geral para o particular, leva a conclusão. Assim esse método, partindo desse modo de teorias e leis gerais, irá aproximar-se a previsão de fenômenos particulares. Quanto à abordagem da pesquisa utilizou-se a qualitativa, que conforme Fraser e Gondim (2004) é aquela que se deseja avaliar as ideias das pessoas sobre certo assunto e também compreendendo suas motivações, seus valores e opiniões.

As técnicas de coletas de dados utilizadas foram à pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de livros, dissertações, artigos científicos, que estão acessíveis em bibliotecas e sites eletrônicos, com o objetivo de conceituar e evidenciar todo referencial teórico, tais como: a história das mulheres na política, os desafios da mulher na carreira política, carreira política *versus* vida particular, sendo o passo inicial em qualquer pesquisa científica. De acordo com Medeiros (2004) a

pesquisa bibliográfica tem a finalidade de colocar o autor da nova pesquisa perante conhecimentos a respeito do tema interessado.

Uma entrevista semiestruturada conforme Araujo (2004) tem um roteiro básico, e não é necessário que seja seguido de forma rigorosa, podendo o entrevistador fazer alterações e adaptações no roteiro. A entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) composta por 29 (vinte e nove) perguntas abertas e fechadas foi realizada no período de 23 de abril a 08 de maio de 2015, com questões direcionadas sobre seus aspectos pessoais e indagando sobre os encontros no decorrer da carreira política e também como conciliam esse processo com os diversos aspectos de suas vidas particulares. Foram aplicadas 06 entrevistas, sendo a própria pesquisadora que as realizou. E durante as entrevistas todas participantes autorizaram que fosse efetuada a gravação, para que ocorresse uma melhor compreensão das respostas e de modo que também facilitasse a tabulação dos dados, apresentando assim maior confiabilidade nos resultados.

É de suma importância ressaltar que antes das realizações das entrevistas, foi aplicado um pré-teste com uma Vereadora do município de Rolim de Moura, e a entrevista teve como objetivo, verificar o perfil das mulheres em estudo; estudar a trajetória da mulher na política e seus principais desafios; apreender a percepção das mulheres quanto aos limites e/ou potencialidades de sua inserção na carreira política e verificar como as mulheres em estudo conciliam e/ou conciliaram a carreira política com a vida particular. Fez-se necessário o pré-teste para a validação do roteiro de entrevista a ser utilizado.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por meio de uma amostragem não probabilística, escolhidos de modo intencional. Que segundo os autores Marconi e Lakatos (1990), o pesquisador não se dirige a massa, população em geral, mas sim aqueles que conforme seu entender, pelo papel exercido, desempenham os cargos de chefes de ideias de toda a comunidade. Assim participaram da pesquisa as mulheres que fizeram e fazem parte da política do município de Cacoal/RO entre o período de 1988 a 2014, totalizando seis (6) mulheres entre cargos Municipais, Estaduais e Federais.

A análise dos dados ocorreu após a aplicação das entrevistas. Sendo a análise de dados, uma vez apuradas, as informações e os dados, ambos deverão ser analisados de forma a visar à solução do problema da pesquisa, a obtenção dos objetivos colimados, bem como

usados para se testar às suposições emitidas (MARTINS, 2007). Assim os dados foram debatidos de modo preciso, sendo selecionados, codificados e tabulados, representados através de quadros e figuras e buscando facilitar na interpretação qualitativa das informações.

Foi utilizada a Análise de Conteúdo, que segundo Silva (2006) trata de uma técnica que aceita analisar os conteúdos dos livros, das revistas, de jornais e entre outros meios, além disso, podendo ser aplicada a documentos de punho pessoal, e também não levam em consideração as palavras em si, mas está regressada para os estudos das ideias, pois é uma técnica que visa à atuação humana.

Foi mantido o sigilo a respeito da identidade das entrevistadas, pois a pesquisa ocorreu de maneira ética e transparente, sendo esclarecidas as mesmas antes do início da entrevista, de modo que puderam ficar mais a vontade e se sentiram seguras em suas explanações. E o artigo em questão teve a responsabilidade de cumprir com o que foi estabelecido com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) sendo que as participantes não foram identificadas, e codificadas como M1, M2, M3, M4, M5 e M6.

A pesquisadora assinou o Termo de Isenção de Responsabilidade (ANEXO B) declarando para todos os fins de direito que se fizeram isentos a Fundação Universidade Federal de Rondônia – Campus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal, o orientador e os professores indicados para comporem o ato de defesa presencial, de toda e qualquer responsabilidade caso ocorra plágio nesse presente artigo.

O artigo foi estruturado seguindo o Manual do Artigo Científico do Curso de Administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia - Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal (SILVA; TORRES NETO; QUINTINO, 2010).

3 RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com as mulheres que fizeram ou estão fazendo parte da política do município de Cacoal-RO compreendendo o período de 1988 a 2014. Os resultados serão mostrados com clareza e objetividade, a fim de expor a real situação vivida pelas entrevistadas.

3.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 6 mulheres, sendo que 4 não estão fazendo mais parte da política e duas encontra-se exercendo os cargos de vereadora e deputada estadual. Em relação ao perfil das entrevistadas, a Fig. 1 mostra com clareza, informações quanto aos seus quantitativos de filhos, faixas etárias, estado civil e seus níveis de escolaridade.

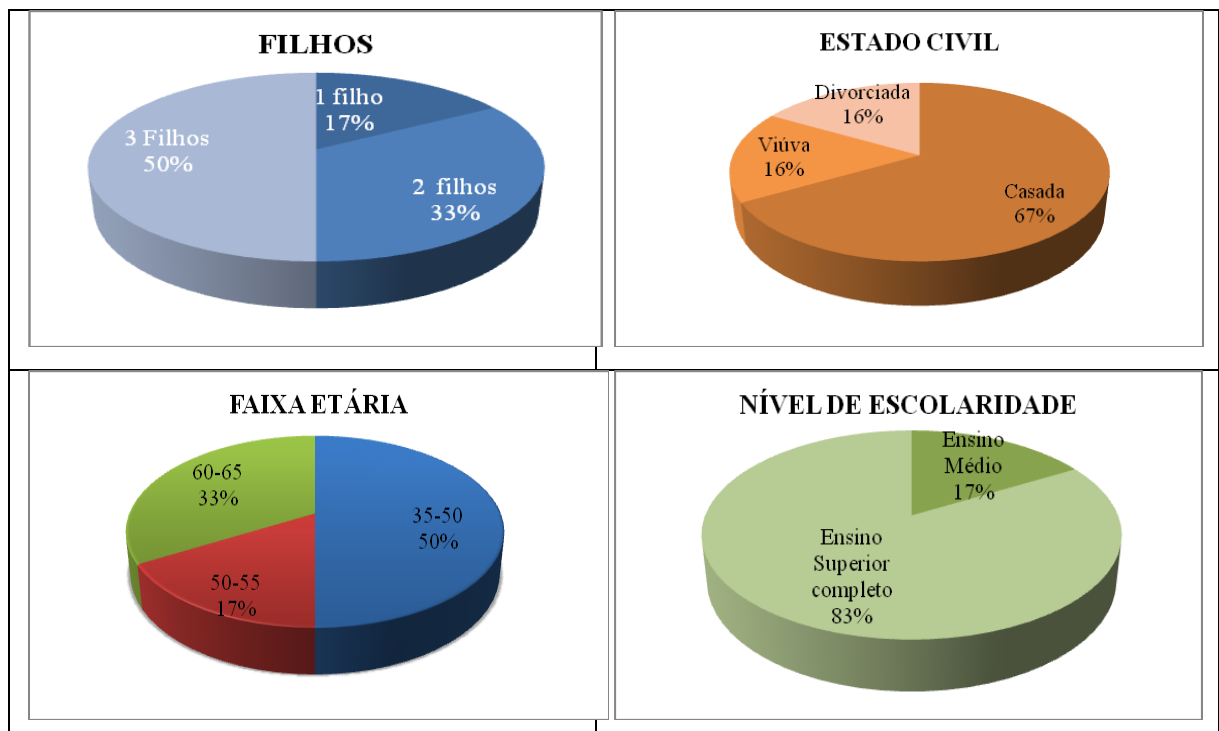


Figura 1: Informações dos perfis das entrevistadas.
Fonte: dados coletados pela autora (2015).

Verifica-se na Fig. 1 que todas as participantes são mães, sendo que maior parte 50% têm 3 filhos, 33% possuem 2 filhos e 17% tem 1 filho. Em relação a suas idades 50% estão entre 35-50 anos, 33% dentre 60-65 anos e 17% entre 50-55. Quanto ao estado civil, nota-se que maioria 67% das entrevistadas são casadas, 16% viúvas e 16% divorciadas. Referente ao nível de escolaridade 83% das mulheres tem ensino superior completo e 17% o ensino médio completo. Assim observa-se que grande parte das entrevistadas concluiu o ensino superior antes do ingresso para vida pública, pois de fato contribui para que tenham melhor destreza tanto na política como em todas as etapas de suas vidas. Sendo também perceptível, que todas as entrevistadas já portavam maturidade quando ingressaram na carreira política, trazendo consigo experiências em suas vivências.

Quanto às áreas de formação, a M1 é graduada em letras e direito, M2 e M6

pedagogia, M4 em administração e a M5 medicina. Sendo que essas áreas tem similaridade com os locais onde exerceram suas profissões antes de entrarem para política.

Em relação à carga horária trabalhada pelas entrevistadas antes de entrarem para carreira política e após terem sido eleitas, a M1 relata que trabalhava anteriormente à sua inserção na carreira política 10 horas em média, atuando como funcionária pública. Quando eleita, o seu primeiro cargo foi de vereadora e atualmente é deputada estadual e o tempo médio dedicado ao cargo são 10 horas diárias. Dedicando-se exclusivamente apenas a política, trabalhando todos os dias de segunda a sábado, e aos domingos tenta reservar para ficar com sua família, mas muitas vezes não consegue devido a alguns eventos e outros compromissos que é convidada a comparecer.

A M2 trabalhava como professora antes de entrar para política, em expediente de 10 horas por dia. Quando ingressou na vida pública, seu primeiro cargo eletivo foi como vereadora e a carga horária destinada era de apenas 5 horas e não trabalhava todos os dias da semana, o que deste modo veio facilitar que mesmo na política ainda continuasse exercendo sua profissão de professora.

A M3 atuava como secretária municipal de ação social antes de inserir-se na política, dedicando-se 10 horas por dia a sua profissão. Quando eleita vereadora, sendo a princípio seu primeiro cargo na política, passou a trabalhar dobrado, pois pelo fato de estar atuando na área social se envolvia muito com os problemas do povo, então trabalhava todos os dias da semana, não existindo descanso e dormindo apenas quando lhe restava tempo. Assim devido este “*corre-corre*” do seu cargo não desempenhou outras atividades depois que entrou para vida pública.

A M4 antes de envolver-se na vida política, trabalhava na administração pública, a qual se dedicava 8 horas por dia na sua função. E ao ingressar na política, seu primeiro cargo foi de vereadora, onde passou a empenhar-se praticamente 24 horas do seu tempo. Este longo período se explica pelo fato da entrevistada desempenhar outras atividades além do seu cargo. Pois também era tesoureira do conselho da Creche Leãozinho do município e participava das atividades realizadas pela Igreja Batista Videira, pela qual reúne as irmãs e todas as quartas-feiras a tarde vão ao presídio feminino levar estudos sobre a bíblia.

Já a M5 exercia a profissão de médica anestesiista, antes da carreira política, trabalhava 12 horas por plantão. E após sua inserção na política 50% da sua carga horária era destinado ao seu cargo de vereadora, que se manteve por três mandatos e um (1) mandato como vice-prefeita. Neste período de ingresso na vida pública, continuou a desempenhar sua atividade anterior, pois pelas manhãs atuava na política e em algumas noites como médica.

A M6 trabalhava antes da carreira política, 8 horas por dia como professora municipal, com direito a almoçar sempre no mesmo horário e junto com a família, em feriados, sábado e domingos. Depois de sua inserção para vida pública, nunca mais teve horário para almoçar, salvo se fosse almoço de trabalho, raramente conseguiu dormir em horário certo, porque trazia trabalho para casa e geralmente trabalhava até uma ou duas da manhã. Trabalhando deste modo todos os dias da semana, e não lhe restando tempo para realizar outras atividades ao não ser referente ao seu cargo, constituindo assim o cargo de deputada estadual e prefeita por dois (2) mandatos.

Observa-se que às profissões desempenhadas pelas entrevistadas antes de iniciarem suas carreiras políticas eram bem distintas. Sendo que 67% das mulheres deixaram suas atividades anteriores para dedicar-se exclusivamente na política e as demais, mesmo em seus cargos eletivos ainda continuaram a trabalhar, conciliando ambas as profissões.

Verifica-se, portanto, que em unanimidade as entrevistadas antes de entrarem para carreira política, já possuíam estabilidade financeira, ou seja, atividade empregatícia. Não sendo, portanto, por causa da remuneração que ingressaram na vida pública, mas sim pela preocupação com a sociedade, porque inseridas na política facilita para a busca de melhorias. Porém, se doam de tal modo que os problemas do povo passam a ser seus. Isso se explica, porque diante das dificuldades possuem uma visão maternal.

3.2 DESAFIOS DA MULHER NA POLÍTICA

Os depoimentos de mulheres que participaram da política alguns anos atrás, ressaltaram que não contaram com o apoio de seus maridos no decorrer de seus cargos, conforme os resultados divulgados nos estudos de Grossi e Miguel (2001). Porém, as entrevistadas que fizeram parte desta pesquisa, relatam que todas não passaram por essa situação, que receberam “*sim*” muito apoio de seus esposos, contrariando os estudos dos

autores supracitados, onde as mulheres destacaram a falta de apoio dos maridos em suas carreiras políticas, pois a maioria esperava que eles fossem oferecer companheirismo, para aliviar a solidão do poder, o que não veio a acontecer e foram elas que precisaram suportar além do peso de suas vidas políticas, os filhos, maridos e demais situações.

Para que as entrevistadas chegassem à carreira política, existiram pessoas que às influenciaram nesse caminho, como relata M1, a pessoa que mais a influenciou foi seu esposo, a M2 foi por influência do seu pai, que *“me colocou lá dentro, fez minha campanha, tinha todo o conhecimento necessário, pois ele na época era deputado o que facilitou”*, já a M3 não teve uma pessoa que tenha influenciado a trilhar na carreira política, ademais afirma *“que a política está no sangue, nasceu de mim mesmo”*. A entrevistada M4 relata que ninguém a incentivou a entrar para a política, sendo somente convidada a apresentar seu nome, pois o partido tem uma cota que precisa ser preenchida pelas mulheres. Quanto M5 foi o doutor Paulo Elifas que a motivou. E a entrevistada M6 foi seu tio e marido.

É perceptível que somente duas entrevistadas, não entraram para política por influência, mais a maioria foi por incentivo de algumas pessoas próximas ou por familiares. O que também é confirmado por Dias (2005) que a maioria das mulheres entra para vida política, influenciadas pelo pai ou marido, e sendo a minoria que se inserem com trajetória independente, fundamentada em carreiras políticas desligadas de vínculos familiares. Então é mais evidente à inserção da mulher na política, quando se tem pessoas próximas para motivá-las a seguir esse caminho, porque recebendo esse incentivo os períodos difíceis são superados.

Todas as participantes ressaltaram que suas trajetórias para ingressarem na carreira política não foram fáceis, conforme evidenciado nos extratos de verbalizações:

“A trajetória para que eu chegasse à carreira política, foi com muita dificuldade, pois tinha meus filhos, era casada, minha mãe que era uma pessoa muito conservadora, e como se vê hoje que a política não é vista pelas pessoas com bons olhos, então foi bem difícil para mim, também convencer as pessoas que político não é tudo igual, que eu queria fazer a diferença, então não foi trajetória fácil, mais superei” (M3, 2015).

“Minha trajetória para aproximar-se da carreira política não foi fácil, porque a política é um meio de inclusão, mas quando se trata da mulher na política ela é um meio de exclusão, porque temos hoje a maioria dos votos são de mulheres, sendo assim a maioria em quantidade, mas na representatividade as mulheres são a minoria, pois hoje mundialmente falando os votos femininos passam de 60% e trazendo para o município de Cacoal mais de 50% dos votos são de mulheres. Então existe um próprio preconceito da mulher em escolher a própria mulher como sua representante, assim foram muitos os desafios que enfrentei, sobre patrocínios

oferecidos pelas empresas, que na maioria são destinados apenas aos homens, e as mulheres realmente vão para as campanhas com a cara e a coragem, pois as pessoas não acreditam muito na mulher, pois o universo da política é muito masculino, o que acaba desmotivando as mulheres em participar da política” (M4, 2015).

Observa-se que não foi um caminho fácil para que as entrevistadas chegassem à carreira política, sendo diversas as situações que precisaram saber lidar, a trajetória da entrevistada M4 no que se refere o quantitativo de representação da ala feminina na política, vai ao encontro da teoria, que segundo Pinheiro (2006) apesar dos progressos das mulheres no meio político, no Congresso Nacional sua participação é muito reduzida, o que se torna mais inexpressivo quando observando que a população Brasileira dispõe de um número de mulheres superior ao dos homens, o que possibilitaria que nas representações fossem de proporções iguais, e o que se pode dessa forma observar que essa questão da mulher na política ainda é um campo em construção, ou seja, que ainda se tem muitas barreiras a serem vencidas pela frente, para que o comparecimento das mulheres seja mais expressivo nos cargos de representação.

“A trajetória para minha chegada à carreira política, não foi fácil, enquanto era somente militante, foi uma maravilha, não existia adversário, depois que fui eleita, fui humilhada, sofri campanhas difamantes, fui preterida em cargos pelos próprios companheiros de partido. E na primeira vez que fui eleita tive poucos votos femininos, ou seja, as mulheres também encaravam qualquer mulher que se destacasse como uma inimiga. Hoje vinte anos depois as coisas graças a Deus melhoraram bastante, podendo dizer que conquistei meu espaço com muita luta, muita determinação, muito trabalho e Tudo valeu a pena” (M6, 2015).

Nota-se, portanto que existe uma história individualizada das entrevistadas, mostrando que mesmo suas trajetórias não sendo fáceis, surgindo vários empecilhos para que desistissem no decorrer desse caminho, souberam superar e vencer cada obstáculo, porque tinham um objetivo que carecia ser alcançado, então precisaram ter muita desenvoltura para passar por esse trajeto.

Em relação ao apoio financeiro disponibilizado pelos partidos para as campanhas eleitorais, foi verificado que 83% das mulheres entrevistadas, não receberam ajuda financeira suficiente dos partidos pelo qual se filiaram para custear suas campanhas. Houve auxílios, mas não em dinheiro, portanto elas próprias assumiram os custos, o que deste modo acabava as prejudicando no período eleitoral. Sacchet e Speck (2006) destacam que o que possibilita que as mulheres não tenham um bom desempenho na hora de concorrer às eleições ou reeleições é o financiamento que os partidos oferecem para as campanhas, pois elas não recebem o mesmo quantitativo de recursos financeiros que os homens, e assim não dispendo

de recursos suficientes que possam amparar todas as divulgações necessárias em suas campanhas, ficando em desvantagens e somente as que já tiverem uma situação financeira estabilizada poderão participar das eleições com igualdade.

Verifica-se que os partidos influenciam as mulheres para ingressarem na política, porém, no período de campanhas em que precisam de apoio, tanto de recursos financeiros e outros, como moralmente, elas são preteridas. Com isso, muitas financiam suas despesas eleitorais desencadeando no desinteresse em inserir ou até mesmo prosseguir uma carreira política.

As entrevistadas descreveram as situações mais difíceis que enfrentaram no período de suas candidaturas e se por esses motivos pensaram em desistir, sendo essa situação de acordo com M1 não foi caminho fácil, passou por cinco (5) campanhas como candidata e tendo o privilégio de ter alcançado três (3) vitórias e duas (2) derrotas, *“era muito cansativo, difícil, pois recebi calúnias, ataques porque quando é o homem realmente passa por outros tipos de ataques, mais a mulher a parte mais sensível é a moral sendo este o alvo dos ataques”*, por isso várias vezes pensou em desistir, *“mas Deus sempre renovou minhas forças”*, persistindo assim seu objetivo.

Para a M2 o seu período de candidatura foi marcado, porque alguns anos atrás os eleitores se corrompiam com muita facilidade, davam seus votos por camisetas e bonés, assim quem apresentava um poder aquisitivo maior, tinha uma vantagem superior. Outra situação difícil que precisou lidar, foi dentro do seu próprio partido, pois onde percebeu *“que é lá que as pessoas te traem”*. Porque todo o comitê tem carros que ficam a disposição durante as campanhas, mas o combustível não é liberado precisando que o dinheiro para essa finalidade seja dividido entre os membros que compõem o partido. *“Então você vê que quem está na coordenação acaba direcionando tudo para uma pessoa, que às vezes faz determinado acordo, e a pessoa que realmente é leal, fiel, mas não se corrompe fica sem nada”*. Lembrando que *“vivi umas campanhas terríveis por não aceitar determinadas imposições, ficava de lado e quem sabia fazer o jogo recebia os benefícios”*, sendo assim o maior desafio vindo de dentro da própria cúpula das coligações e dos partidos, mais mesmo assim não pensou em desistir.

Para a entrevistada M3 foi *“por ser mulher, a forma de o vereador fiscalizar me*

incomodava, pois se fosse um homem essa fiscalização seria diferente, ele seria mais respeitado”, mais ela conseguiu superar esse preconceito, e não pensou em desistir.

Sendo para M4 uma situação complicada que enfrentou, foi quando no decorrer de sua candidatura percebeu que não tinha como fazer campanha, pois não tinha condições para colocar combustível em seu carro, *“então vi todos os demais candidatos fazendo campanha e por durante duas semanas fiquei em casa porque não tinha recurso para abastecer meu carro, assim veio uma grande desmotivação, pensei até em desistir”*, mais arrumou um pouco de recurso para terminar sua campanha e conseguiu vencer.

O momento mais difícil que a M5 precisou lidar, foi em relação às pessoas que cortou a aposentadoria quando fazia parte da perícia médica, pois *“tinha indicação para cortar, então essas pessoas falavam que não me dariam seu voto de jeito algum, ficando com raiva e mostrando rejeição pela minha pessoa”*, e ela mesmo assim não pensou em desistir.

Para a entrevistada M6 recordou-se de uma situação em particular, que *“por acertos políticos feitos por alguém muito influente dentro do partido, ficou decidido que o PMDB não lançaria candidato ao senado, nós teríamos que apoiar outro candidato de outro partido”*. Então se recusou, junto com alguns companheiros, lançando a candidatura de um companheiro do PMDB ao senado e foram para a rua fazer campanha. No primeiro comício ela e alguns colegas foram ameaçados, tinham que pedir voto para o outro candidato, *“recusei-me, subi no palanque e briguei para poder discursar”*. Por fim ganhou o direito de falar, mas quando estava falando e pedindo voto para o candidato ao senado do PMDB alguém a jogou uma grande pedra, *“por sorte tive bastante agilidade e aparei a pedra no ar enquanto falava, parecendo um filme”*, mas mesmo assim não pensou em desistir.

É notório que cada entrevistada de forma bem pessoal, vivenciou situações difíceis no decorrer de suas candidaturas, sendo que apenas duas delas pensaram em desistir meio aos enfrentamentos. No que se referem os desafios da candidatura Barsted e Pitanguy (2011) afirmam que o apoio oferecido às candidaturas das mulheres é diferente dos recebidos pelos homens, pois esse suporte ainda representa um caminho em direção a uma sociedade com representação política mais semelhante. Sendo, portanto um desafio que as mulheres ainda tendem a enfrentar. Por isso que a representação política feminina é bem inferior, porque na maioria dos momentos elas sofrem algum tipo de discriminação. Ficando notório que esse

suporte oferecido pelos partidos deveria ser mais igualitário e não fazer distinção de gênero.

Quando as entrevistadas foram eleitas, diversas situações precisaram enfrentar em seus cargos, esse momento vivido foi relatado pela M1 no extrato de verbalização:

“No momento que assumi o cargo de vereadora uma das situações mais difíceis que enfrentei, foi à falta de experiência política, eu era apenas técnica, o que gerou um grande ciúme pela minha votação, pois na época eram em 10 vereadores e eles se reuniram e decidiram não me dar oportunidade dentro da câmara, porque eu poderia ter um destaque superior, então não sabia o que acontecia, só sentia que não estava participando de nenhuma comissão, pois formava comissão para averiguar tal situação como, por exemplo, para fiscalizar as linhas vicinais eu nunca estava presente, nunca fazia parte, chorava quietinha, mas porque me sentia discriminada, então sofri muito”.

E quando a M2 assumiu seu cargo de vereadora, o período mais difícil que enfrentou foi na elaboração da lei orgânica do município, porque existia um jogo de interesses de algumas pessoas da oposição para diminuir ou tirar as atribuições do poder executivo, *“ai foi um guerra, pois a lei orgânica é traçada em cima da Constituição Federal e Estadual, tem características próprias e fui relatora da época, era meu primeiro mandato, tive muito medo e principalmente por ser a única mulher”*.

Para a entrevistada M3 a mesma ocasião complexa que enfrentou no período da candidatura, foi à mesma que precisou enfrentar quando estava compondo seu cargo de vereadora, a respeito de uma fiscalização rigorosa que sofreu por ser mulher. E a M4 no momento que assumiu seu cargo de vereadora a ocasião mais complexa que enfrentou e enfrenta é no combate à corrupção, como afirma no extrato de verbalização:

“A corrupção está instalada no meio político sendo difícil combater, e percebo que alguns colegas se moldam a esse vício político, assim me encontro em uma situação complexa, pois como era presidente da CPI fiz toda investigação e quando chegou o dia da votação dos vereadores, todos os vereadores pediram que eu arquivasse o meu relatório, porque comprovaria toda a corrupção que existe no município de Cacoal”.

A M5 destaca que quando era presidente da câmara, confrontou com inúmeras dificuldades, *“mas nada que não conseguisse resolver, tive a ajuda também dos meus assessores, de pessoas antigas que trabalhavam na câmara, que portavam muita experiência, competência, honestidade e as quais me mostrava onde estava errando”*, mais precisou ter a humildade de ouvi-las com toda calma e presteza, pois ninguém resolve nem um problema sozinho.

E, em relação a M6 um momento complicado que sofreu quando já estava em um dos seus cargos, foi vítima de preconceito quando estava exercendo o cargo de prefeita, *“precisei aguentar um governador machista, um adversário de peso, durante seis anos e ele não facilitou minha vida como prefeita, mas isso faz parte da vida pública”*.

Certifica-se que cada entrevistada relatou uma vivência diversificada quando eleitas, mostrando deste modo que todas vieram a sofrer tanto no quesito pessoal, como no sentido de serem deixadas de lado em algumas situações referentes aos seus cargos. E como afirma Grossi e Miguel (2001) ao se inserirem na carreira política as mulheres já tinham ciência que teriam que enfrentar um caminho com inúmeras dificuldades, no qual seria exigida muita desenvoltura para vencê-los, e precisando dessa forma saber lidar com situações difíceis desde a candidatura até quando já estiverem compondo seus mandatos.

Nota-se que entre às mulheres que optaram por seguir carreira política houve enfrentamentos de diversos tipos em suas candidaturas e os mesmos problemas também se repetiram quando eleitas, que além do preconceito recebido por serem mulheres, falta de incentivo, compreensão, inveja, machismos e tantas outras circunstâncias que as norteiam.

A opinião das participantes em relação se ainda existe discriminação da figura feminina na carreira política, todas responderam que sim, o que afirma a M4 no extrato de verbalização:

“Ainda existe muita discriminação da figura feminina na carreira política, pois ainda existe a ideia da sociedade que a política foi feita para o homem e não para as mulheres e isso na minha concepção é muito errado porque a política foi feita para todos, e essa discriminação também vêm das próprias mulheres”.

Nota-se que mesmo ainda existindo discriminação da mulher no meio político, as entrevistadas enfrentaram essa situação e expuseram suas discordâncias, mostrando a sociedade e a ala feminina que a política não foi feita apenas para os homens. É importante ressaltar que as mulheres que exercem carreira política são discriminadas pelos homens desde a história e a sociedade vem acompanhando os históricos de preconceitos ao longo dos anos, porém, as mulheres políticas não recebem apoio das próprias mulheres. A classe feminina representa o maior percentual de eleitores no país, logo, se houvesse conscientização do papel da mulher na política, elas teriam maior representatividade no poder.

Esta realidade vai ao encontro do que Frois (2014) evidencia em seu artigo, ou seja, mesmo as mulheres representando a maior parte do colégio eleitoral brasileiro, o que ainda dificulta sua maior participação na carreira política, é a ideia equivocada tanto de homens e mulheres de que o espaço da mulher consiste no lar e não na política.

Quando questionadas se é possível atuar na política sem perder a feminilidade, o Quadro 2 evidencia os depoimentos das entrevistadas:

Quadro 2: Se é possível atuar na política sem perder a feminilidade.

Entrevistadas	
M1	<i>“É possível atuar na política sem perder a feminilidade sim, eu valorizo bastante essa parte, pois estou na política, mas não deixo de ser esposa, mãe, dona de casa e consigo conciliar todas essas situações”.</i>
M2	<i>“É possível atuar na política sem perder a feminilidade sim, mais terão situações que precisará ser meio macha”.</i>
M3	<i>“Sim, com certeza é possível atuar na política sem perder a feminilidade”.</i>
M4	<i>“Acredito que é possível sim atuar na política sem perder a feminilidade, pois mesmo usando muita calça isso não significa que é meu lado masculino de vereadora, mas sim de mulher, gosto do meu lado feminino e a mulher pode sim exercer qualquer tipo de mandato, podendo ser executivo ou no parlamento e sem perder seu lado feminino”.</i>
M5	<i>“Sim, é possível atuar na política sem perder a feminilidade”.</i>
M6	<i>“É possível atuar na política sem perder a feminilidade sim e de modo natural, no meu caso sempre fui orgulhosamente mulher, com direito a chorar, ri, a combinar a roupa, enfim naturalmente feminina”.</i>

Fonte: Dados coletados pela autora (2015).

O Quadro 2 mostra que todas as entrevistadas defendem a mesma opinião, que é possível estar na política, atuar em qualquer tipo de cargo e mesmo assim não abandonar o lado feminino. Mas essa renúncia pode acabar ocorrendo, porque conseguir se envolver na política e ainda manter todo o lado feminino em mais perfeita ordem, se precisa de muita conciliação mesmo.

As participantes foram unânimes em suas respostas, quando questionadas se sofreram algum preconceito por ser mulher ao atuarem em seus cargos políticos. Todas responderam que *“sim, que sofreram algum tipo de preconceito”*, conforme evidenciado no depoimento da entrevistada M1 *“quando exercia o cargo de vereadora fui fazer uma visita de um maquinário que estava na área rural e ouvi o secretário de obra falando, mas o que mulher vai fazer na área rural para ver serviço de máquina”*. O extrato de verbalização mostra que a M3 também sofreu preconceito no exercício do cargo de vereadora, *“mas não foram preconceitos abertamente, sentia que era deixada de lado por ser mulher, como se eu*

não tivesse competência para realizar tal ação”.

Verifica-se que o preconceito ainda está enraizado na sociedade, e quando se trata da mulher na política a discriminação cresce cada vez mais, como se as mulheres não tivessem competência e habilidade para realizar as atividades impostas pelos cargos de forma igualitária aos homens.

Quanto à divisão das cotas, 83% das participantes são a favor, como é afirmada pela M2, *“porque não deveria ser assim 30%, mais foi obrigado a ter isso, para que tivesse a participação mais efetiva das mulheres, pois senão tornaria tudo dominado pelos homens, então os partidos se obrigaram a correr atrás de mulheres e cativá-las”*, a M5 também é a favor, *“pois de alguma forma acaba pressionando as mulheres para que entrem na política”*. Apesar da maioria das entrevistas serem a favor da divisão das cotas e que isso tem contribuído para a participação mais efetiva das mulheres na política, Sousa (2011) destaca que no Brasil a política de cotas não apresentou muitas vantagens, sendo um desafio que as mulheres precisam enfrentar, pois ao invés de trazer aumento nas representações dos espaços políticos, ocorreu uma notável diminuição.

Observa-se que elas são a favor de como as cotas foram divididas, porque em suas concepções, houve um significativo aumento da representatividade feminina na política, sendo que a lei propondo esses 30% para o sexo oposto, obrigatoriamente os partidos terão que lançar mais mulheres, mesmo que seja para o preenchimento estabelecido pelas cotas. Mas, percebe-se que não adianta as mulheres serem influenciadas a colocar seus nomes em certos partidos apenas para cumprimento das cotas, sem que os mesmos dêem o tratamento igualitário para todos os candidatos, independente do gênero. Pois, nos períodos da campanha, os partidos geralmente privilegiam os candidatos que estão mais fortes e muitas candidatas terão que assumir os custos de suas campanhas, como já evidenciado nos extratos de verbalização.

Ao questionar se elas têm interesse em se candidatar novamente, 50% responderam que *“não”*, pois ressaltaram que não possuir mais idade para enfrentar a vida política e 50% responderam que *“sim”*, porque ainda têm muitos projetos que não foram executados, e ambicionam outros cargos na política.

3.3 CARREIRA POLÍTICA *VERSUS* VIDA FAMILIAR

Em relação a quem foram às pessoas que sempre lhes apoiaram na vida política e particular, a M1, M3 e M6 relataram que foram seus maridos, M2 seu pai, M4 sua mãe e irmãs, e a M5 contou que não teve uma única pessoa, mas sim várias, sendo sua família, amigos e igreja. Podendo, portanto observar o quanto é importante que as mulheres políticas, tenham recebido esse apoio de seus familiares e amigos, porque mesmo sabendo que esse mundo político não é fácil, mas que podem contar com um amparo, essas dificuldades acabam deixando de ser empecilhos para que as mulheres se mantenham na vida pública.

E como as entrevistadas receberam apoio de seus familiares e amigos, não passaram por nenhuma situação que precisaram escolher entre carreira e a vida familiar, conforme evidenciado no extrato de verbalização da M1: *“Nunca tive que escolher entre minha carreira política e vida familiar, porque se eu precisasse fazer essa escolha, com certeza escolheria minha família”*. Verifica-se que mesmo a mulher envolvida com as várias atribuições que o cargo político requer, ela consegue conciliar vida particular com a carreira política e ainda mantém a família como prioridade.

Quanto à conciliação da vida política com as responsabilidades do lar e ainda cumprir o papel de mulher, mãe e esposa, a M1 evidencia no extrato de verbalização:

“Mesmo com a correria da vida pública consegui conciliar com as responsabilidades do lar, cumprindo papel de mãe, esposa, porém para toda essa conciliação contei com o auxílio do meu esposo e também do meu filho, mas procuro sempre reservar um tempo para ficar com meu filho, ele só tem 12 anos, para acompanhá-lo na adolescência, pois quando tem alguma festinha na escola, procuro separar um tempo para ele, porque não adianta eu avançar na carreira política, ganhar um espaço grande, e perder meu filho para o mundo. E meu esposo que entende da vida política, teve 20 anos de mandato, contém muita experiência na área, ele entende bem a correria que é, e tem dado certo, graças a Deus, consegui trazer os benefícios de uma forma até diferenciada dos demais que passaram por cargos eletivos no município”.

Para a M2 obter essa harmonização, contou com o auxílio de uma funcionária a qual fazia os afazeres domésticos, e cuidava das crianças enquanto estava no trabalho, *“mais mesmo assim ocorreram falhas como mãe, porque não estive o tempo todo presente, tiveram eventos de escola de meus filhos que não os acompanhei, devido à imensa correria da política”*, então conseguiu conciliar, mais a sua ausência com certeza seus filhos sofreram muito.

A M3 relata que para exercer o papel de mulher, esposa, mãe e ainda conciliar com os compromissos políticos não foi fácil, *“mais dei conta, consegui tempo para distribuir um pouco para cada uma, e dar a volta por cima e ser mãe, esposa, mulher, exercer bem o meu papel na política e ainda cuidar de mim”*.

A M4 destaca que em meio aos deveres políticos cumprir o papel de mulher, mãe e esposa *“foi e está sendo muito difícil e principalmente o papel de esposa, pois meu marido faz muitas cobranças, mas tenho me saído até bem, mesmo apesar das cobranças”*. Ela tenta todos os finais de semana se dedicar aos afazeres domésticos, fazendo o almoço aos domingos, pois já reservou para sentar e almoçar com sua família, porém, continua buscando formas para conciliar a política com vida particular.

A M5 conseguiu harmonizar a vida política com as responsabilidades do lar e ainda exercer o papel de mulher, mãe, esposa, porque sempre teve pessoas competentes que a ajudava tanto em sua casa, como na câmara e prefeitura.

Quanto a M6 essa adaptação não foi fácil, pois *“devido meu marido ter morrido muito cedo, quando estava iniciando meu primeiro mandato de deputada estadual, tive que ser mãe e também pai”*. Seus filhos eram muito pequenos, *“mais dei conta meus filhos sempre foram estudiosos, nunca reprovaram, e hoje são profissionais responsáveis, casados e são pais maravilhosos”*. Por isso ela tem certeza que conseguiu conciliar a vida pública com a familiar.

Verifica-se, portanto que maioria das entrevistadas alcançou essa conciliação, porque contaram com o auxílio de uma secretária do lar e pessoas competentes, sendo que mesmo recebendo esse apoio ainda deixou em algumas áreas a desejar segundo suas percepções, indo ao encontro do que Felipe (2013) destaca em seu estudo. Em se tratando dessa conciliação política e vida familiar, é preciso ser as super-mulheres, sendo um treino cotidiano, porque se exige capacidade, compromisso e dedicação absoluta em todas as áreas, precisando ser ótimas mães, esposas e excelente política.

O Quadro 3 apresenta os extratos de verbalização das participantes relacionados a conciliação e cuidados da saúde física, psicológica e emocional enquanto exerciam suas carreiras públicas.

Quadro 3: Como conciliaram sua saúde física, emocional e psicológica com sua vida pública.

Entrevistadas	
M1	<i>“Procuro priorizar aos domingos ficar com minha família e ir para igreja, pois quando estou fraca espiritualmente, estou fraca em tudo, pois um probleminha passa a ser um problemão, por isso acho importante ter essa comunhão com Deus para ficar forte e ter essa resistência para o enfrentamento dos problemas, porque assim o problema que era tão grande ele não passa a ser tão grande assim e já começo a ver com outros olhos, porque sei que Deus está comigo. Então preciso conciliar, pois não existe uma vida que a pessoa cuide somente de uma área, tem que ter uma fatia espiritual, material, da família, e quem não tiver esse equilíbrio e saber dosar com certeza vai entrar numa área de desconforto”.</i>
M2	<i>“O que foi simples constituiu ter essa conciliação da política com a sua saúde física, psicológica e emocional, pois quando era jovem na política não sentia nada, não tinha problemas de saúde e como a vida era muito corrida não dava para ter nem um tipo de problema psicológico, mas hoje que apareceram os problemas de saúde e que se precisar ter essa maior preocupação”.</i>
M3	<i>“Essa conciliação da minha saúde física, psicológica e emocional com minha vida pública, foi bem complicado, mais mantive a mente bem aberta em determinadas situações e também procurei muito Deus para estar suportando toda essa situação”.</i>
M4	<i>“Meu psicológico é ótimo, emocional também, mas minha saúde física deveria cuidar mais, como fazer uma caminhada ou academia, portanto consegui conciliar o meu psicológico e o emocional sem nenhuma dificuldade, mais minha saúde física ainda deixa um pouco a desejar”</i>
M5	<i>“consegui conciliar minha saúde física, psicológica e emocional muito bem, sem problemas, mas sacrifiquei algumas áreas”.</i>
M6	<i>“A gente não concilia, geralmente a saúde física, psicológica e emocional são abaladas e a maioria das vezes com sérias consequências para o resto da vida”.</i>

Fonte: dados coletados das entrevistadas (2015).

Destaca-se que a maioria das entrevistadas não concilia e/ou conciliou os cuidados com a saúde física, psicológica e emocional com a carreira política, pois quando conseguia harmonizar uma área a outra ficava de lado, o que foi muito complicado porque de alguma forma sacrificaram algumas áreas de suas vidas. O que corrobora com Grossi e Miguel (2001), em que as mulheres que estão na carreira política precisam estar psicologicamente bem preparadas, pois além das pressões em seus lares, as que passam nos seus gabinetes são maiores ainda, por isso seus corpos precisam estar bem preparados para se adaptar há padrões de vida bem diferentes, e no que se refere aos conceitos de beleza infelizmente será um pouco deixado de lado, pois o trabalho é muito repetitivo e estressante. Seria interessante que fosse oferecido para mulheres políticas um amparo vindo do próprio governo, como por exemplo: academias credenciadas ao governo, psicólogos, para que desse modo não se tornasse um peso e sim momento de lazer essa conciliação.

As entrevistadas foram questionadas sobre quais seriam os conselhos que diriam para as mulheres que desejam entrar na carreira política e por algum motivo não conseguiram realizar tal ação, e conforme o extrato de verbalização da M1 *“que elas quebrem o tabu, o*

medo, o preconceito e venham que nós precisamos de vocês, Cacoal, Rondônia precisa de mais mulheres e com urgência, a mulher é muito mais dinâmica, consegue realizar muitas coisas ao mesmo tempo, tendo alto índice de percepção”.

A M2 recomenda às mulheres que almejam entrar na política e ainda não conseguiram realizar tal ação, *“que tenham coragem e tentem”*. Já a M3 *“que corram atrás de seus objetivos independente o cargo que elas desejam almejar”*. A M4 recomenda que:

“Que tenham coragem porque a política não foi feita para o homem e sim para todos, e essa discussão da participação da mulher dentro da política ela é fundamental e temos sim que chamar mais mulheres para a discussão e também que elas não tenham medo, porque não se pode ter medo de urna, pois se no primeiro momento ela te der um resultado negativo, no segundo pode ser positivo”.

Quanto a M5 o conselho que concede as mulheres, *“que não desanimem que procurem se envolver, ler, se informar, procurar um partido político e ir em frente”*. E para M6 *“as mulheres não podem desistir que a vida vai abrindo caminhos e novas oportunidades surgiram”*.

Verifica-se que os depoimentos revelam com clareza, o quanto é indispensável à presença da mulher na política, de modo que cada entrevistada de forma pessoal oferece conselhos e incentivos para que essas mulheres não desistam, mesmo em meio aos desafios que forem surgindo. Todas essas recomendações são oferecidas à ala feminina, porque elas reconhecem como é importante que se tenham mais representação feminina.

As entrevistadas ofereceram também conselhos aos homens que não aceitam o crescimento da figura feminina na política e no mercado de trabalho em geral, o que é evidenciado pela MI no extrato de verbalização:

“É importante que passem a ter o entendimento da importância da mulher, porque a partir do momento que as mulheres se fixarem ainda mais no mercado de trabalho, com certeza teremos uma qualidade de vida melhor, pois a mulher é muito criativa, uma inteligência e um dinamismo que Deus às proporcionou e que os homens passem a aceitar que irá ser bom para eles mesmos, mas que não caiam no comodismo de deixar só as mulheres tocar esse mundo, pois os dois precisam estar lado a lado”.

A recomendação que a M2 concede aos homens *“que se toque que as mulheres estão dominando o mundo”*, como exemplo citou a Dilma Rousseff que no primeiro mandato fez um excelente trabalho, todos tinham orgulho dela estar em uma mesa redonda com homens

mais poderosos do mundo.

Para a M3 o conselho que disponibiliza aos homens, *“tenho pena deles, porque hoje a cada dia o papel da mulher é mais importante, não só na política, mas também no mercado de trabalho no geral”*, como exemplo ela mencionou a quantidade de mulheres que existe no município de Cacoal, médicas, promotoras, juízas, *“então que eles aceitem esse crescimento da mulher”*.

A M4 destaca *“que chega de machismo na política e no mercado de trabalho em geral, eles precisam aceitar esse crescimento”*, ela assistiu uma reportagem que revelou que a mulher exerce o mesmo papel do homem em determinada profissão, mas tem um salário menor. Mostrando uma discriminação inaceitável, porque pela produtividade, produz mais e melhor do que o homem e sendo pontual em seus horários, *“então chega de machismo, as mulheres precisam sim ser mais reconhecidas pelos seus trabalhos”*.

A M5 acrescenta que *“respeito à posição de cada um, mas acho que as pessoas precisam crescer, intelectualmente, emocionalmente, espiritualmente, pois quando as pessoas crescem nessas áreas começam enxergar o mundo diferente”*.

E, para M6 independente de alguns homens não aceitarem o crescimento profissional e político das mulheres, *“vamos derrubando barreiras, logo quem perde são eles que não vão incentivar suas mulheres e suas filhas. Mais sendo o mais importante é as mulheres busquem seus próprios caminhos sem violência, sem ódio, apenas mostrando do que somos capazes”*.

Nota-se que todas compreendem a falta de apoio e incentivo que deveria ser oferecido às mulheres para que entrassem tanto na vida política, como no mercado de trabalho em geral, e mesmo não recebendo esses incentivos, as entrevistadas deixam claro que muitas mulheres já conquistaram seus espaços na sociedade, e outras ainda estão lutando. Isto é fato, os homens aceitando ou não.

Ao finalizar a entrevista, as participantes foram indagadas, se tinham algo mais a acrescentar a essa pesquisa, e todas destacaram o quanto é importante que aumente a participação das mulheres na política, conforme afirma a entrevistada M4 em extrato de verbalização:

“Quero acrescentar sobre a participação da mulher na política, pois é de muita importância, inserir a mulher não só na política mais em todo o espaço de debate, mais para isso a mulher precisar buscar qualificação, ter o ensino médio, buscar uma universidade e se qualificar para esse debate, pois quando você chega a um universo que a maioria só são homens, grande parte das mulheres se sente rejeitada, elas próprias se rejeitam porque elas não estão preparada para esse debate, portanto a mulher tem sim que entrar para política, mas precisa se qualificar primeiro”.

Verifica-se o quanto é importante à participação da mulher na política, mas também de suma importância que antes dessa inserção, busquem uma qualificação, assim no momento que forem participar de debates, consigam ter bons argumentos, não sintam medo de se expor, mostrando-se bem preparadas para qualquer que seja a ocasião.

Foram evidenciados pelos resultados dessa pesquisa, diversos limites e possibilidades que as mulheres que exercem ou exerceram cargos políticos no município de Cacoal-RO já enfrentaram ou enfrentam. Observou-se que as entrevistadas souberam sobressair às dificuldades, pois possuem características marcantes e diversas habilidades pessoais. Percebe-se que as mulheres precisam ter um envolvimento maior na política porque possuem um olhar diferenciado perante os problemas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível o progresso das mulheres na política, pois alcançaram muitas conquistas no decorrer dos anos, superaram o machismo que as assolavam desde séculos passados, na ideia que a política não é lugar de mulher, mas que devem exercer os deveres domésticos e cuidar dos filhos. Também adquiriram o direito de votar e serem votadas e ganharam espaço na vida pública, mesmo em condições desiguais. Mas a grande expectativa é como a sociedade se mostra bem esclarecida e moderna, as mulheres passem a ter maior aceitação na política e superem em quantidade os homens na representação, deste modo aproveitando as oportunidades e mostrando suas capacidades decisórias e administrativas, ocasionando um impacto na política e consistindo no rompimento que espaço público é somente o lugar de homem.

Todos os objetivos do presente artigo foram alcançados, e com os resultados conseguiu-se propiciar o conhecimento da compreensão das entrevistadas referente às dificuldades enfrentadas tanto no decorrer das candidaturas, como no exercício do cargo. Por meio dos dados coletados, observa-se que em suas trajetórias, os principais desafios foram à

falta de recursos financeiros para custear suas campanhas, a ausência do incentivo da ala feminina em suas eleições, o convencimento das pessoas que político não são todos iguais e em decorrência de serem mães, casadas e possuírem preocupações com seus lares. Mostrando deste modo que cada entrevistada viveu uma história diversificada.

Verificou-se que as mulheres em estudo, obtiveram essa conciliação da carreira política com a vida particular, sob o auxílio de seus cônjuges, dos filhos, contando com o apoio de um assessor competente e de sua confiança, com a ajuda de uma secretária do lar a qual as auxiliaram nos afazeres domésticos, também dedicando um maior tempo para a sua família nos finais de semana, com atenção aos afazeres domésticos, filhos e maridos. Contudo, em meio a todos os enfrentamentos, as entrevistadas conseguiram essa conciliação, mas ainda deixaram a desejar em alguma área, precisando deste modo concordar as partes e manterem-se presentes.

A pesquisa destaca como principal ponto positivo, a maturidade que as participantes já possuíam quando entraram para carreira política, todas eram estabilizadas financeiramente não sendo pela remuneração que inseriram na política, a maioria já tinham ensino superior antes da vida pública e todas receberam apoio de suas famílias quando eleitas aos seus respectivos cargos.

O ponto negativo da pesquisa encontra-se na descoberta de que os partidos políticos influenciam as mulheres para inserção na vida pública, incentivando-as de modo que apresente seus nomes para o cumprimento das cotas eleitorais, mas chegado o momento das campanhas, simplesmente não disponibilizam recursos financeiros, precisando elas próprias arcar com todas as despesas.

Sugerem-se as mulheres que estão com desejo de entrar para política, que busquem se especializar no propósito de adquirir maior conhecimento e fiquem aptas para qualquer que seja a discussão. E que os partidos políticos, não somente incentive a inserção da mulher na representação pública, mais também que venham a dispor de incentivos financeiros ou no que se julgar necessário para que as candidatas possam estar mais bem preparadas perante as campanhas de mesmo modo que seu candidato oposto, e assim venha ocorrer uma campanha a eleição mais justa.

Espera-se que as mulheres sejam mais incentivadas pela sociedade, pelos seus cônjuges, ala feminina e também que tenham maior aceitação por parte dos colegas de cargo, pois com o apoio poderão superar todas as dificuldades tanto as evidenciadas nesta pesquisa como as demais que poderão surgir enquanto desempenham a carreira política. É importante ressaltar que se elas conseguirem desempenhar seu papel na política conciliando com a vida particular conseguirão influenciar uma maior quantidade de mulheres a despertar o interesse de entrar para o mundo político.

As principais limitações do estudo foram às dificuldades de localizar as participantes, sendo algumas empresárias, outras ainda atuam na política e uma não reside mais no município de Cacoal-RO. Outro obstáculo encontrado foi à falta de disponibilidade de tempo que as participantes possuíam para fazer parte da pesquisa, porque são mulheres muito ocupadas.

O estudo contribuiu para um maior conhecimento do dia-a-dia das mulheres envolvidas na política, entendendo como elas lidam com suas rotinas de modo a superar os enfrentamentos que surgem no decorrer de seus cargos eletivos e perante a sua vida familiar. Também contribui para que a sociedade tenha ciência do quanto se faz necessária a presença da mulher no meio político, pela visão diferenciada perante aos desafios e como que elas mesmo atuando na vida pública ainda se mantém fiel as responsabilidades envolvidas com seus lares.

Como recomendações para trabalhos futuros sugere-se que o estudo seja expandido a nível Estado, para que se alcance resultados de maior proporção e conhecer a percepção de um superior número de mulheres que estiveram ou estão atuando na política. Que seja realizada uma pesquisa com os homens sobre suas concepções em relação à mulher na política, também se faça um estudo com os partidos políticos, para se ter o conhecimento como é realizada a divisão dos recursos, tanto financeiros como em materiais para campanhas entre os candidatos, de modo que toda a sociedade tenha ciência de como é feita essas repartições.

REFERÊNCIAS

1 ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico:**

Elaboração de Trabalhos na Graduação. 5. Ed.-São Paulo: Atlas, 2001.

2 ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. **Mulheres e participação política**. Doutora em Ciência Política /IUPERJ. Professora Associada 1. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas /UFPA. Ano 2008. Coordenadora do GEPEM/UFPA (Filiado a REDOR-N/NE). Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ifch/administrador/mulheresepolitica.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

3 ARAUJO, Inaldo da Paixão Santos. **Introdução à auditoria operacional**. -2 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

4 ÁVILA, Maria Betânia. **Mulheres participação política e poder**. Ano de 2004. Disponível em: <http://www.ptpr.org.br/pt_pag/PAG%202004/MULHER/Livro%20Mulher%20CUT.pd>. Acesso em: 12 jun. 2014.

5 BARSTED, Leila Linhares e PITANGUY, Jacqueline. **O Progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. -Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/progresso.pdf>> Acesso em: 19 de Mai. 2-15.

6 BORDA, Ângela ET AL. **Mulher e política: Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/uploads/Mulher_e_politica.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

7 BRUNETTA, Míriam do Carmo. **Política de cotas para mulheres: Análise do Legislativo Paranaense**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná no de 2005. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/8060/M%C3%8DRIAM%20BRUNETTA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

8 COELHO, Leila Machado e BAPTISTA, Marisa. **A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público**. Ano de 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 abr. 2014.

9 CYPRIANO, Breno; REZENDE, Daniela Leandro; ASSIS, Mariana Prandini Fraga. Ano de 2006. **A presença das mulheres brasileiras na política: uma discussão sobre as cotas legislativas sob o enfoque da política da diferença**. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/breno_cypriano.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2014.

10 DIAS, Maria Berenice. **A mulher na política**. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC, 18 Dez. 2005. Disponível em: <<http://www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/politica/2215-a-mulher-na-politica.html>> Acesso em: 19 de Mai. de 2015.

11 FELIPE, Djanira. O papel da mulher na política, no trabalho, e os desafios da mulher de baixa renda. Artigo publicado 06/04/2013. Disponível em: <<https://djanirafelipe.wordpress.com/2013/04/08/o-papel-da-mulher-na-politica-no-trabalho-e->>

os-desafios-da-mulher-de-baixa-renda/ >Acesso em: 20 de Mai. 2015.

12 FRASER, Márcia Tourinho Dantas e GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado:** Discussões Sobre A Entrevista na Pesquisa Qualitativa. Artigo publicado em Paidéia, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf>> Acesso em: 12 out. 2014.

13 FREIRE, Nilcéa. Trabalho e gênero. **Observatório Brasil da igualdade do gênero.** Brasília, 2010, 1ª impressão, p. 16 -, dez. 2010. Disponível em: <http://www.mulheres.gov.br/publicacoesteste/publicacoes/2010/revista_2edicao_trabalho_de_z2010.pdf#page=10> . Acesso em: 06 jun. 2014.

14 FROIS, Mara. **A crescente importância da participação da mulher no cenário político brasileiro.** Artigo publicado em 18 Dez. de 2014. Disponível em: <<http://www.ptmg.org.br/a-crescente-importancia-da-participacao-da-mulher-no-cenario-politico-brasileiro/#.VV54R7IVikp>> Acesso em: 19 de Mai. 2015.

15 GONÇALVES, Betânia Diniz. **Participação e consciência política psicopolítica da experiência de lideranças femininas urbanas.** Psicol. Ver, (Belo Horizonte) v. 13 n.1 Belo Horizonte junho de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682007000100013&script=sci_arttext&tlng=pt> . Acesso em: 20 jul. 2014.

16 GROSSI, Mirian Pilar e MIGUEL, Sônia Malheiros. **Transformando a diferença:** as mulheres na política. Rev. Estud. Fem. Vol.9 n.1 Florianópolis de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100010> Acesso em: 02 mar. 2014.

17 QUILES, Francisco Gonçalves. **Cacoal documento histórico e geográfico:** Colonização e Desenvolvimento. 1 Ed. SEMEC/Cacoal-RO, junho de 1986.

18 KEMPER, Lourdes. **Cacoal, sua história sua gente.** 2º edição-Goiânia: Grafope, 2006.

19 MACHADO, Monica sapucaia. **Mulheres e poder.** In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XVI, n. 118, novembro 2013. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13879> .Acesso em: 20 jul. 2014.

20 MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** -- 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

21 MARTINS, Gilberto De Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** 3 ed. reimpr. São Paulo: atlas, 2007.

22 MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 4.ed.-São Paulo: Atlas, 1990.

23 MARQUES, Teresa Cristina Novais e MELO, Hildete Pereira. **Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 a 1962.** Ou como são feitas as leis. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440 maio-agosto/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/08.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

24 MEDEIROS, João, Bosco. **Redação científica:** a prática de fichamentos, resumos, resenhas. -6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2004.

25 MIGUEL, Luis Felipe e QUEIROZ, Cristina Monteiro. **Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil.** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(2): 363-385 maio-agosto/2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a03v14n2.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

26 NICOLAU, Jairo Marconi. **Historia do voto no Brasil.** ano de 1964. 2.ed. Rio de Janeiro 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-&lr=&id=9XAmEtGXXQEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=historia+das+mulheres+na+pol%C3%A9tica+no+brasil&ots=tGkUQhVdsY&sig=oJ>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

27 NOSELLA, Paolo. **Compromisso político e competência técnica:** 20 anos depois. Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a10v2690.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

28 PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes femininas na política:** Uma análise sobre mulheres Parlamentares no pós-Constituinte. Ano de 2006.p.17 Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2121/1/Dissertacao_Luana%20Simoes%20Pinheiro.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2014.

29 PINTO, Giselle. **Mulheres no Brasil: esboço analítico de um plano de políticas pública para mulheres.** Ano de 2006. Universidade Federal Fluminense – Programa de Pós-Graduação em Política Social. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_301.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2014.

30 REIS, Cintia de oliveira Santiago. **Representação política no Brasil:** uma analise do perfil das mulheres eleitas a câmara dos deputados (1986-2011). No ano de 2010. Disponível em: <http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/21/TDE-2010-05-05T170142Z-2990/Publico/2930.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2014.

31 SACCHET, Teresa. SPECK, Bruno Wilhelm. **Financiamento eleitoral, representação política e gênero:** uma análise das eleições 2006. Opinião pública vol. 18.n.1. Campinas junho de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762012000100009>. Acesso em: 21 jul. 2014.

32 SILVA, Antônio Carlos Ribeiro Da. **Metodologia da pesquisa aplicada a contabilidade:** orientação de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações.-2. Ed. - São Paulo: Atlas, 2006.

33 SILVA, Adriano Camiloto, TORRES NETO, Diogo Gonzaga; QUINTINO, Simone Marçal. **Manual do artigo científico do curso de administração**. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Cacoal-RO. 2010. Acesso em: 29 out. 2014.

34 SOUSA, Ana Julia da Silva. **Participação da mulher nos espaços de poder no Brasil: atuação feminina no Executivo, Legislativo e Judiciário**. Âmbito Jurídico, Rio Grande. XIV, N. 91, ago 2011. Disponível em: <http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10148&revista_caderno=24>. Acesso em: 13 jul. 2014.

ANEXO

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa sobre, **UM OLHAR FEMININO ACERCA DOS ENFRENTAMENTOS DA MULHER NA CARREIRA POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO**. E caso você concorde em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

PROGRAMA: Pesquisa Científica – Universidade Federal de Rondônia - UNIR

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Lucrécia Ingrid Viana Lucas Fabem.

ENDEREÇO: AV: Nações Unidas nº 2935, Bairro: Princesa Isabel.

TELEFONE: (69) 92422934 ou (69) 3443-1871.

OBJETIVOS:

Verificar o perfil das mulheres em estudo;

Estudar a trajetória da mulher na política e os principais desafios;

Apreender a percepção das mulheres quanto aos limites e/ou potencialidades de sua inserção na carreira política;

Verificar como as mulheres em estudo conciliam a carreira política com a vida particular.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a uma entrevista sobre, o enfrentamento feminino perante a carreira política, contendo 30 questões abertas e fechadas. Os dados coletados serão tabulados e analisados para a conclusão do artigo de graduação do curso de Administração da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

RISCOS E DESCONFORTOS: a pesquisa não oferece nenhum risco ou prejuízo ao participante.

BENEFÍCIOS: Ocasionará um conhecimento sobre os enfrentamentos femininos na carreira política.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto ou pagamento com sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantia de sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados e o seu nome não serão divulgados.

Assinatura do Participante:

ANEXO B: TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Lucrécia Ingrid Viana Lucas Fabem, DECLARO, para todos os fins de direito e que se fizerem necessários que isento completamente a Fundação Universidade Federal de Rondônia – Campus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal, o orientador e os professores indicados para comporem o ato de defesa presencial, de toda e qualquer responsabilidade pelo conteúdo e ideias expressas no presente trabalho de conclusão de curso.

Estou ciente de que poderei responder administrativa, civil e criminalmente em caso de plágio comprovado.

Cacoal / RO, ____ de _____ de 20__

(nome do Acadêmico por extenso e assinatura)

APÊNDICE

APÊNDICE A: Entrevista: Mulheres na Política – município de Cacoal / RO

PERFIL DA PARTICIPANTE:

01 Você tem filhos?

() Não () Sim. Quantos? _____

02 Estado Civil:

() Solteira () Casada () Divorciada () Viúva () Outros: _____

03 Idade:

() 20 a 30 anos () 41 a 50 anos

() 31 a 40 anos () 51 a 60 anos

04 Nível de escolaridade:

() Ensino Fundamental () Completo () Incompleto

() Ensino Médio () Completo () Incompleto

() Ensino Superior () Completo () Incompleto

05 Área de Formação:

() Administração () Direito

() Área da Saúde () Engenharia

() Contabilidade () Outros: _____

06 Renda familiar antes da inserção na política:

() abaixo ou igual a 1 salário mínimo (R\$724,00)

() de 1 a 3 salários mínimos (R\$724,00 a 2.172,00)

() de 3 a 5 salários mínimos (R\$2.172,00 a 3.620,00)

() de 5 a 10 salários mínimos (R\$3.620,00 a 7.240,00)

() acima de 10 salários mínimos (R\$7.240,00 ou mais)

07 Renda familiar depois da inserção na política:

() abaixo ou igual a 1 salário mínimo (R\$724,00)

() de 1 a 3 salários mínimos (R\$724,00 a 2.172,00)

() de 3 a 5 salários mínimos (R\$2.172,00 a 3.620,00)

() de 5 a 10 salários mínimos (R\$3.620,00 a 7.240,00)

() acima de 10 salários mínimos (R\$7.240,00 ou mais)

08 Qual atividade profissional você exercia antes de seguir a carreira política?

09 Atualmente, além da política, qual ocupação é exercida?

DESAFIOS DA MULHER NA POLÍTICA

10 Com qual idade iniciou a carreira política? Foi por influência de alguém? Quem?

11 Qual cargo você exerceu na política ou ainda exerce?

12 As mulheres para conquistar o direito de votar e serem votadas foi um caminho muito longo e com muitas dificuldades, como foi a sua trajetória para chegar à carreira política?

13 As mulheres que se candidatavam alguns anos atrás, não tinham apoio financeiro para custear sua campanha política, devido os partidos daquela época ter preconceito, e você teve recursos financeiros suficientes para estar custeando toda sua campanha política?

14 Você teve um alto índice de aceitação pelo Partido pelo qual você se aliou, ou sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher?

15 E qual foi a situação mais difícil que enfrentou no período da candidatura? Por esse motivo, pensava em desistir?

16 Quando já estava exercendo seu Cargo, qual foi a situação mais difícil que enfrentou?

17 Qual sua opinião sobre a mulher na política? OU sobre o tema Enfrentamento Feminino Na Carreira Política?

18 Sofreu algum preconceito por ser mulher e estar em determinado Cargo? Relate:

19 Ainda existe discriminação da figura feminina na carreira política? Caso positivo, relate:

20 É possível atuar na política sem perder a feminilidade?

21 Qual sua opinião sobre a divisão das cotas? Por quê?

() A favor () Contra

22 Pretende se candidatar novamente?

() sim, Em qual cargo?_____

() não, Por que?_____

CARREIRA POLÍTICA *VERSUS* VIDA PARTICULAR

23 Em depoimento de algumas mulheres, que participaram da política em alguns anos atrás, elas ressaltaram que não tiveram apoio de seus maridos no decorrer de seus cargos, você passou ou passa por alguma situação semelhante?

24 Qual foi a pessoa que sempre te deu apoio na vida política e particular?

25 Você passou por alguma situação que precisou escolher entre a carreira política e a vida familiar?

26 Como você consegue conciliar a vida política com as responsabilidades do lar e ainda conseguir exercer o papel de mulher, mãe, esposa, etc.?

27 O que você diria para aquelas mulheres que desejam entrar na carreira política, e por algum motivo ainda não conseguiu realizar tal ação?

28 O que você diria para os homens que ainda não aceitam o crescimento da figura feminina na política e no mercado de trabalho em geral?

29 Tem mais alguma coisa que pretende acrescentar a essa pesquisa?
